



*Dona Artinda, médium e benzedeira, residente do alto sertão sergipano
fotografia por Andrea Lima, 2023*

Desperta, curandeira cura

Monica Roberta Granato Ramos

Em roda de vibração: rapé, silêncio.. silencio meus pensamento. Encher-me de mim mesma, que tormento.

Medicina, mais silêncio, como silenciar meus pensamentos, sem gritar, sem chorar, sem sorrir, sem gargalhar?

Diante do medo que o silêncio trouxe, silencio...

Ao levantar da cadeira, notei algo estranho a ser revelado no silêncio vazio de minha morada, no silencio oculto dos ancestrais guardados, na roda de vibração com os povos originários.

Coração bate forte, palpita, descompassa, insiste em sua consistência inconsistente...

Não relute, enfrente, tente, tente encontrar em si o que persiste em silenciar.

Mais um minuto, no chão estou, olhos fechados, mente também, mas a alma não se aprisiona, quer falar, desnudar... ser liberta.

Corpo trêmulo, pernas fracas, coração bate lento ao chão cheguei, posição fetal como quem nasce, re(nasce)! Morre uma via e nasce outra.

Morre, adormece ou entorpece?

Nasce, reconhece ou enaltece?

Tudo escurece, uma prece, no escuro de mim mesma estou, não porque os olhos estão fechados e sim pelo medo de encontrar-me. Cega-me o pavor do desconhecido.

Penso mais uma vez, o que ver? Não quero mais... ver aquilo que ainda não olhei. Entregue-me, revele-se, ilumine-se.

Respiro fundo, me entrego. Respiro fundo, entrego-me... à medicina sábia e generosa.

“Ah ayuasca o que eu fiz?” Não tem como voltar . Não tem como des(saber).

Reluto mais uma vez, cegueira, cega.

Respira, concentra vamos coragem, de novo, de novo e de novo. Mais uma vez e quando menos espero... luzes, fogos de artifício em minhas miragens, recebo alegria e coragem.

Não a coragem que pensava ter, aquela de ser...

Corpo e alma se desconectam e pela primeira vez tentam a conexão com o EU, sou, eu sou minha Centelha Divina.

Ao fundo ouço: “Haux, haux, haux. É tão bom quando a gente sabe quem a gente é, a aldeia inteira fica em festa” Tento compreender e vejo naquela roda primeira uma aldeia inteira, ancestrais indígenas, cada um em sua festa, feliz na consagração, na festa de re(conhecer).

Benedeira, curandeira, rezadeira... Não necessariamente nessa ordem. Saio de mim ou pela primeira vez entro em mim, me vejo e vejo também os irmão e irmãs. Felicidade, amor infinito aquece o corpo largado no chão.

Vejo a oca escura, e a medicina explica: é assim que sua casa fica quando se recusa a ser quem é! Tudo cinza, gélido, aspecto de queimado, abandonado.

Então convida: “Senta” mostra um trono iluminado dourado.

Caminho devagar, quase me arrastando e lá sentada preenchida de mim, de minha ancestral, de meus irmãos, a aldeia inteira se ilumina, brilha cintilante em música dançante: Reverência, fim do silêncio.

“Desperta, desperta a curandeira em você, sente a força da Deusa. Essa Deusa em você! (Jana Luia)

Gratidão à medicina, que muito me ensina a respeito de mim mesma, de como me relaciono com as pessoas e com a natureza..

